

Waldir não acha a crise de hoje igual à de 1964

O candidato a vice-presidente da República pelo PMDB, Waldir Pires, rejeitou ontem qualquer tipo de comparação entre a atual crise política do País corporificada na greve dos trabalhadores e a situação de 1964 que levou ao movimento militar argumentando que as aspirações existentes hoje na população mudam todo o quadro. Ele entende que a principal insatisfação hoje na população reside na incompetência da estrutura do poder e na impunidade dos corruptos, fatos bem mais graves do que os do governo de João Goulart, de quem era consultor-geral da República. Mas que o povo quer resolver esses problemas de maneira civilizada, exercitando sua cidadania, sem passar o comando a quem quer que seja.

Waldir Pires foi um peemedebista solitário na posse do ministro Sepúlveda Pertence no Supremo Tribunal Federal até os cumprimentos de praxe, quando chegou o deputado Nelson Jobim (RS). Pires e Pertence foram colegas no Departamento de Direito da UnB, nos anos 60.

O ex-governador da Bahia garantiu que não existe nenhum conflito no seu relacionamento com o candidato Ulysses Guimarães. Ele reiterou que aceitou o cargo de vice para atender à convocação do partido, entendendo ele próprio que existe uma afinidade entre seu nome e o de Ulysses: "Nós nos completamos", disse, garantindo que a campanha será feita sem nenhuma espécie de divisão na chapa.

Pires acha que a má impressão deixada pelo

PMDB quando assumiu a Presidência desaparecerá quando os fatos forem devidamente explicados. O principal esclarecimento, segundo acredita, é o de que o partido jamais chegou ao nú cleo do poder, ocupado exclusivamente pelo Presidente da República. Sua passagem pelo Ministério da Previdência Social — afirmou — se deu em função do momento em que "doutor Sarney manteve a modéstia, atento à idéia de que a vitória do PMDB decorreu de uma luta em que ele não lutou".

Quanto à briga de cargos vivenciada pelos próprios peemedebistas, acha que ela fez parte do "fisiologismo brasileiro", aguçado pelo período de autoritarismo, mas hoje vista com desprezo pelos integrantes da chapa progressista.